

## CARACTERIZANDO A VIDA NAS RUAS

Sobre os diversos aspectos do cotidiano de vida nas ruas de crianças e adolescentes, uma grande variedade de estudos mostra que a transitoriedade desta condição impossibilita que seja traçado um perfil único desses sujeitos. No geral, as pesquisas analisadas apenas retratam os atributos dos sujeitos em um período delimitado de tempo e em um ambiente específico. A diversidade da rua enquanto ambiente de desenvolvimento; a relação com a família e a escola; o cotidiano e as atividades desempenhadas; o tempo de permanência na rua; e as redes construídas neste espaço e fora dele fazem parte do universo de elementos a serem considerados na construção de interpretações que respeitem a heterogeneidade desses sujeitos (VARGAS et al., 2006; ALVES, 2002; MARTINS, 2002).

Parece haver uma distinção entre aqueles que consideram o ambiente da rua como definitivo nas condições de vida, nas formas de existência, nas práticas sociais e na identidade dos jovens em situação de rua (MATIAS, 2011); e aqueles que buscam desmistificar a ideia de uma “cultura de rua”, considerando que os sujeitos que ali habitam reproduzem os valores sociais dominantes (LEAL, 2007). Neste segundo caso, compreende-se que, ao se pensar os sujeitos a partir da rua, constroem-se classificações, estereótipos e programas que geram uma identidade homogênea para experiências heterogêneas e fragmentadas. Podemos identificar ainda quem enfoque uma abordagem em que, nas ruas, os valores sejam universais, embora as variações em seu conteúdo resultem do contexto histórico e cultural vivenciado (PALUDO, 2002).

A solidariedade, as valorizações da família, da educação e do trabalho, mesmo em meio a condições de vida precárias e a violações de direitos, seguem presentes no cotidiano destes sujeitos (NICOLETTI, 2006). Eles parecem ser capazes de visualizar perspectivas futuras para além da rua e de construir formas de se relacionar com o mundo que não sejam perpassadas exclusivamente pelo abandono e pela violência (ESTIVALET, 2010). Entretanto, aqueles que se envolvem com grupos na rua parecem ter mais dificuldade de romper com esse universo (SOBRAL, 2008).

De acordo com a literatura analisada, existem diferentes olhares sobre a experiência de vida nas ruas. É possível destacar aspectos positivos, relacionados ao acolhimento, a fonte de trabalho e lazer, a liberdade e a tentativa de superação de condições adversas; e aspectos negativos, associados à estigmatização e à marginalização. Representações ambíguas como estas nos permitem questionar a ideia de que crianças e adolescentes estão nas ruas apenas por vontade ou desejo, uma vez que enfrentam episódios frequentes de violência e criminalidade (ARPINI; QUINTANA; GONÇALVES, 2010; RIBEIRO, 2003; NÓBREGA; LUCENA, 2004).